

ARQUEOLOGIA PARTICIPATIVA: UMA EXPERIÊNCIA COM INDÍGENAS GUARANIS

A U T O R

Prof. Dra. Nanci Vieira de Oliveira
UERJ
Contato: nancivieira@uol.com.br

Prof. Dr. Pedro Paulo A. Funari
UNICAMP
Contato: ppfunari@uol.com.br

Leandro K. Mendes Chamorro
Aldeia Sapukai
Contato: pueblombya@gmail.com

R E S U M O

O artigo propõe uma reflexão sobre a Arqueologia participativa com os índios de etnia guarani no estado do Rio de Janeiro. Descreve-se, primeiro, a fundamentação teórica e metodológica para, em seguida, apresentar os indígenas envolvidos na atividade conjunta. As atividades incluem tanto indígenas como não indígenas. Conclui-se com o enriquecimento epistemológico para a disciplina, resultante da interação entre arqueólogos e nativos.

I N T R O D U Ç Ã O

A Arqueologia tem passado por um *aggiornamento*, com a inclusão, no seu universo de preocupações, das questões relativas à sociedade, em geral, e em particular no que se refere aos indígenas. Este é um processo de longo prazo, cujo marco pode ser considerado o surgimento do Congresso Mundial de Arqueologia, em 1986, a participação dos nativos nos próprios conselhos do Congresso. Essa postura da disciplina, em termos mundiais, encontrou eco nas transformações sociais e políticas brasileiras, principalmente a partir do fim do regime militar (1964-1985) e o restabelecimento do estado de direito e da democracia no país. Nos últimos vinte e cinco anos, a Arqueologia brasileira diversificou-se e sua inserção e relevância social ampliaram-se, em todos os aspectos. A presença de indígenas nas reuniões científicas aumentou, assim como sua participação em projetos e pesquisa (Funari e Piñon 2011). Este é o contexto deste artigo, que não apenas apresenta uma experiência arqueológica com indígenas, mas que, também, conta com um autor indígena (Leandro Chamorro).

No Rio de Janeiro, atualmente, existem seis aldeias Guarani, sendo cinco M'ybiá e apenas uma Nandeva. Destas, as três mais antigas são as de Bracuí, em Angra, Parati-mirim e Patrimônio, em Paraty, todas M'ybiá. A aldeia de Mamaguá, em Paraty, e a de Camboinhas, em Niterói, foram constituídas há pouco tempo. A de Rio Pequeno, também em Paraty, é constituída por Guarani Nandeva.

A participação de indígenas Guarani da aldeia Sapuki de Bracuí, resulta de um longo contato com a UERJ e, em especial, com o Laboratório de Antropologia Biológica. As atividades de Arqueologia e Educação Patrimonial desenvolvidas com a Eletronuclear e parceria com o Programa "Jovens Talentos para a Ciência" (CECERJ/FAPERJ), permitiu o estabelecimento de uma bolsa diferenciada pela FAPERJ que permitisse a inclusão de indígenas Guarani no projeto.

A participação de indígenas Guarani é motivada pela indagação de como a Arqueologia pode contribuir para o conhecimento das sociedades

indígenas e, ao mesmo tempo, problematizar os encontros e desencontros, as continuidades e discontinuidades no processo de interação entre as sociedades indígenas e a não-indígenas.

A inclusão de jovens Guarani exigiu uma metodologia que fosse adequada à situação bilíngüe e pluricultural. A utilização de diferentes instrumentos pedagógicos vem permitindo a construção do conhecimento a partir da experiência, do conhecimento da ancestralidade, a identificação dos marcadores de identidade étnica e cultural, bem como no estabelecimento dos vínculos entre a comunidade e seu patrimônio.

A discussão com os jovens da aldeia resulta em suas próprias interpretações sobre patrimônio cultural Guarani, aspectos do cotidiano, formas tradicionais de vida, incorporação de novos espaços e práticas na aldeia. As leituras e discussões de textos sobre Arqueologia Guarani vem estimulando o conhecimento sobre as práticas dos antepassados e a importância com relação a preservação dos saberes dos mais antigos.

A língua Guarani pertence à família linguística Tupi-Guarani. De acordo com Brochado (1984), baseando-se em pressupostos linguísticos e arqueológicos, a diferenciação entre as línguas do tronco Tupi seria consequência da separação e expansão de grupos Proto-Tupi no interior da região amazônica. No caso Guarani, as migrações foram no sentido do norte para o sul, do Amazonas até a região do Prata, pelos cursos dos rios Paraná, Paraguai e Uruguai. Nestes movimentos de expansão parece existir um elo entre a constante procura de novas terras para as aldeias e as roças, a migração de inspiração profética (a busca da Terra sem males) e a criação de um modo de vida autenticamente Guarani.

A partir do século XVII os Guaranis sofreram o impacto da catequese por parte dos jesuítas e dos ataques paulistas para a captura de indígenas. O interesse dos paulistas para escravização dos índios Guarani era não só pelo fato de serem agricultores, mas devido a facilidade de captura por, inicialmente, suas aldeias encontrarem-se próximas aos rios e, posteriormente, por estarem reunidos nas chamadas reduções jesuíticas. Os ataques paulistas resultaram na escravização de milhares de Guaranis e a destruição de diversos povoados.

No século XVIII, os Guaranis resistiram à dominação portuguesa através de constantes lutas e, após a expulsão dos jesuítas, as reduções passaram por miséria, fome e epidemias, que acabaram dizimando povoados inteiros. Desta forma, muitos grupos locais desapareceram, como também alguns dos sobreviventes fugiram para as áreas de florestas.

A partir da profunda ruptura entre o modo de vida pré-colonial e o impacto da colonização européia, os Guaranis desenvolveram estratégias migratórias como forma de sobrevivência física e cultural, verificando-se uma grande credibilidade à cataclismologia e ao discurso profético (Monteiro, 1998).

Os Guaranis da atualidade, em certos aspectos apresentam-se abertos a influências da sociedade nacional, enquanto que em outros verifica-se um extraordinário apego aos padrões tradicionais de sua cultura. Existe, portanto, um conflito entre as soluções e valores tradicionais, de um lado, e as inovações que se tornam necessárias ou desejáveis, do outro (Schaden, 1974:12).

As aldeias se organizam a partir de uma grande parentela em torno de

um líder religioso. Este alcançará maior prestígio pelo número de parentes que congrega em torno de si. As aldeias, embora autônomas, se inter-relacionam através de trocas matrimoniais, visitas e intercâmbio entre famílias.

As informações sobre os Guaranis no Rio de Janeiro, anteriores a sua descoberta por uma equipe de reportagem do Globo em 1972, são baseadas em relatos dos próprios indígenas registrados pela imprensa, por indigenistas da FUNAI e pesquisadores que estiveram nas aldeias. De acordo com relato de Argemiro Karaí Tataindê, chefe da aldeia de Bracuí em 1983, os Guaranis teriam chegado a Parati-mirim por volta de 1957/58 e, seu estabelecimento em Bracuí por volta de 1966/67. Entretanto, de acordo com relato de João da Silva, atual cacique e hoje com 95 anos, seu avô teria vivido algum tempo em uma aldeia na Ilha Grande; o que seria nas primeiras décadas do século passado. Entretanto, as fontes documentais indicam a presença Guarani desde o século XVII, quando Martim de Sá teria deslocado casais Carijós para a baía de Ilha Grande (1614), bem como outros foram deslocados pelos jesuítas para o aldeamento de São Francisco Xavier. No Livro de Tombo do Colégio Jesuíta do Rio de Janeiro, há registro de que da região de Guaratiba para se alcançar o caminho que levava a Santos deveria passar pelas roças dos Carijós, como também Maria Graham, em 1824, indica que a totalidade de indígenas de São Francisco Xavier eram Guaranis.

ALDEIA SAPUKAI - BRACUÍ/ANGRA DOS REIS

A aldeia Sapukaí encontra-se na serra da Bocaina, em meio à Mata Atlântica, a 22 km da Usina Nuclear de Angra. É a maior das aldeias existentes no Rio de Janeiro, constituída por índios Mbya-Guarani. As famílias lideradas por Argemiro Karaí Tataindê migraram para São Paulo e, em 1986/87 chegou a Bracuí um novo grupo liderado por João da Silva (Verá-mirim), expulsos de suas terras no Paraná, permanecendo até hoje na aldeia de Sapukaí. De acordo com o cacique Verá-mirim, desde pequeno ouvia histórias contadas pelo avô sobre uma aldeia em que vivera em Ilha Grande, tais relatos o levaram a migrar em busca desta aldeia, acabando por ficar na aldeia em Bracuí.

Como na maioria das aldeias, o número de habitantes apresenta variação devido aos constantes deslocamentos das famílias, decorrentes das constantes visitas e intercâmbios entre aldeias. Assim sendo, os números registrados apresentam-se da seguinte forma: em 1972 foram registrados 100 indígenas (O Globo, 15.11.83), caindo para 16 em 1982 (Aidar Filho, 1982), aumentando para 28 em 1983, para 168 indígenas em 1994 (JB, 18.04.94) e, cerca de 250 em 1996 (Prado, 1996). Atualmente, de acordo com as informações dos próprios Guaranis de Bracuí, na aldeia existem mais de 400 habitantes, com cerca de 80 habitações.

A aldeia apresenta suas casas dispersas e distantes umas das outras, não existindo um centro geográfico, mas sendo considerado como centro da aldeia o local onde encontra-se a Casa da Reza. Desta maneira, subindo o caminho aberto pelos indígenas para a aldeia, visualiza-se ao longo deste a escola construída em alvenaria, o posto de saúde e casas esparsas pela mata, mais ao alto alcança-se uma área com algumas casas e a casa da reza, a casa de

Verá-mirim, considerada o centro da aldeia.

Apesar da proximidade do mar, os indígenas não têm acesso a este para a prática da pesca, atividade importante para a sua subsistência. Isto decorre do fato de que junto ao mar encontram-se vários condomínios, que discriminam a presença dos Guaranis na área. Buscando contornar a situação, os indígenas construíram açudes para a criação de peixes, sob a orientação da UFRRJ, apoio da Prefeitura e doações de universidades.

Como eles ocupam uma área de encosta da serra do Mar, o solo pobre não é apropriado para um cultivo mais diversificado, principalmente de feijão que é um elemento importante na sua dieta. Em suas terras apenas conseguem plantar mandioca, milho, cana-de-açúcar e bananas. O arroz e o feijão que consomem são comprados com o dinheiro conseguido através da venda de artesanato ou consumido através da merenda da escola, hoje sob administração da Secretaria Estadual de Educação.

A caça ainda é uma das atividades importantes para o grupo, que por se encontrarem junto à Mata Atlântica ainda dispõe de algumas espécies apreciadas para o consumo. Entretanto, os Guaranis estabeleceram regras de controle para esta atividade, de forma a preservarem as espécies. A utilização de espingarda já há muitos anos determinou o abandono da utilização de arco e flecha, que só confeccionam como artesanato para venda.

Devido a todas estas dificuldades, enfrentadas pelos Guaranis em todo o Brasil, a aculturação econômica recebe um impulso pela necessidade de se obter dinheiro para a posse de coisas que a cultura tradicional e a área que ocupam não conseguem suprir (Schaden, 1974:63). A utilização de roupas e objetos industrializados como tênis, relógios, brinquedos, bijuterias são valorizados pelos indígenas. O acesso a esses bens vem se tornando cada vez mais ampliado, através de recursos gerados por projetos, como o de turismo na aldeia, conquista de salários pelos professores e agentes de saúde.

O idioma guarani Mbya é falado por todos da aldeia, mesmo na presença de estranhos. Observa-se um grande orgulho pela manutenção da língua guarani, um dos pontos de resistência étnica observado entre os Guaranis. Outro aspecto observado é a resistência à mestiçagem, sendo proibido o casamento com indivíduos não-Guarani.

A religião é um dos pontos mais fortes de resistência, não havendo acesso de estranhos às suas cerimônias religiosas. Na casa da reza, o centro da aldeia, realizam-se rezas todas as noites. A chegada de estranhos determina que a porta permaneça fechada, de forma que não se olhe para dentro dela. Uma profecia Guarani anuncia o final do mundo provocado por um grande incêndio, que eles relacionam a proximidade da Usina Nuclear, a fábrica de fogo (Litaiff, 1996:41).

O chefe da aldeia de Sapukaí é o cacique Verá-mirim (João da Silva), que divide suas responsabilidades com o vice-cacique e o presidente da Associação das Aldeias Guarani do Rio de Janeiro. Além de líder político, Verá-mirim é também o líder religioso do grupo.

A maior parte das atividades é realizada em conjunto, indígenas e não-indígenas, tendo como objetivo promover uma maior integração e, como consequência, desmistificar o Guarani para os jovens da sociedade regional.

As palestras utilizando fartos recursos visuais e oficinas que permitem a experimentação resultam em melhor assimilação, já que a oralidade é a base da educação indígena. As novas tecnologias apresentadas ao longo das atividades sempre despertaram maior interesse e, em seguida podemos observar resultados na própria aldeia.

Foram aplicados questionários e foi solicitada a produção de fotografias sobre os temas “patrimônio” e “memória”, com a participação de graduandas da UERJ, responsáveis pelas análises destes materiais. A percepção de patrimônio englobando o material e imaterial foi muito mais consistente entre os Guaranis, tanto nas respostas como em seus ensaios fotográficos.

Uma das dificuldades enfrentadas foi na leitura de textos sobre Arqueologia Guarani, sendo estas realizadas em coletivo e os textos devidamente desconstruídos para uma melhor compreensão dos significados de palavras novas, conceitos e aspectos teóricos. A partir das leituras foi proposto um levantamento das pessoas mais velhas da aldeia, cujas entrevistas poderiam fornecer informações com relação aos aspectos abordados nos textos. Entretanto, todos os jovens apenas entrevistam o cacique Verá Miri, líder político e religioso, o guardião da memória e das tradições.

As pesquisas que vem sendo desenvolvidas pelos jovens da aldeia tem por objetivos traçados em conjunto com os pesquisadores, conhecer a Arqueologia guarani; conhecer e preservar as memórias e sabedorias guarani; Comparar as informações arqueológicas com as coletadas na aldeia e realizar o registro das informações coletadas para as futuras gerações.

Os primeiros registros das entrevistas foram dirigidos pelos próprios jovens para algumas das perguntas que surgiram nas discussões. Eles haviam lido referências a pesquisas arqueológicas em sítios com cerâmica guarani onde ocorria a presença de sepultamentos em urnas funerárias (*cambuxi*). E assim definiram: “*Cambuxi* é um grande vaso de cerâmica que era utilizado para armazenar bebidas (*kaguijy*) e água. Para o ritual funerário era fabricado um *cambuxi* específico que depois recebia o morto”. Mas, de acordo com o cacique João da Silva, nascido em 1913, na aldeia *Ka’arandy* (Rio Grande do Sul), nem sempre se enterrava em *cambuxi*. “Antigamente quando a pessoa morria se fazia um cesto de taquara onde se colocava o corpo do morto”, em posição hiperfletida, e este era “enterrado dentro da própria casa”. Hoje os índios Guarani enterram o morto estendido, mas reforçam que a cerimônia é diferente dos não índios (Juruá).

As tradições enfatizam o arco e flecha como objetos tradicionais, bem como as armadilhas, ainda utilizadas nos dias atuais. “*monde* (para animais baixos, como tatu, quati, paca, etc.), *nhuã* (para veado, antas, etc.), *mondepi* (para aves).

“Existiam três tipos de cerâmicas (*Ojá*), (*Nha’embé*) e (*Kambuxi*). Para fazer estes objetos a matéria-prima utilizada era argila. Faziam também de argila cachimbo e ponta de flecha para os pássaros. Usavam também como mataria-

prima ossos de mamíferos. Queimava-se os ossos e depois eram socados no pilão para serem misturados com a argila. Desta forma a argila ficava melhor para ser manipulada para a confecção dos artefatos.”

“A *Ojá* é uma cerâmica utilizada para cozinhar alguns alimentos. Já a *Nha’embé* usa-se para guardar alguns alimentos cozidos, e a *Kambuxi* para armazenar mel e *kaguijy* a bebida tradicional guarani. Na *Nha’embé* e na *Kambuxi* são feitos desenhos de folha de samambaia gravada com a ponta de um graveto.”

As entrevistas instigadas pelas leituras arqueológicas despertaram cada vez mais em ouvir o mais velho da aldeia, saber das migrações e mitos. Este interesse veio a reforçar o projeto de turismo da aldeia.

Este resultado de as exemplificações dos Guaranis acerca do seu Patrimônio Cultural serem na sua maioria de elementos imateriais é uma influencia cultural da própria percepção de mundo desta sociedade. Pois para eles o verdadeiro valor está contido na palavra e no modo de ser guarani.

Nos ensaios fotográficos, os principais exemplos escolhidos pelos jovens não-índios foram: o centro histórico de Paraty, as festas religiosas (sobretudo a Festa do Divino), o carnaval, a festa da pinga, a pesca, as aldeias indígenas, a Igreja da Matriz de Paraty, a Igreja de Santa Rita, as fazendas, as danças, a culinária, etc. Já os jovens Guarani elegeram a região Sul-fluminense, a Casa da Reza¹, a língua M’bya, as pessoas mais velhas, a música, a dança, a escola da aldeia, a aldeia, entre outros.

¹Local sagrado dentro da aldeia onde eles realizam seus cultos religiosos.

CONCLUSÃO

A experiência de vida dos guaranis fornece chaves de leitura da Arqueologia inovadoras para os arqueólogos profissionais. Não se trata de buscar a tipologia de artefatos a partir de uma descrição externa e fundada, muitas vezes, em modelos interpretativos pouco comprovados ou comprováveis (como na associação comum entre cultura material, língua e etnia, variáveis que a experiência antropológica empírica mostra serem independentes). Ao contrário, as cosmovisões indígenas ajudam a compreender formas de organizar a materialidade que seguem outras lógicas e motivações. A colaboração, neste projeto e neste artigo, de arqueólogos profissionais com um indígena foi uma experiência enriquecedora para os dois lados, tanto em termos pessoais, como epistemológicos.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos o apoio institucional do Laboratório de Antropologia Biológica da UERJ, o Laboratório de Arqueologia Pública Paulo Duarte da UNICAMP, FAPERJ, FAPESP e CNPq. Somos gratos, ainda, aos indígenas com quem convivemos e a Ana Piñon. A responsabilidade pelas idéias restringe-se aos autores.

BIBLIOGRAFIA

- Aidar Filho, João. *Notícia de visita realizadas a população Guarani do litoral do Estado de São Paulo e Rio de Janeiro*. Museu do Índio, caixa 79, 1982.
- Almeida, Arilza Nazareth. *Documento de identificação e delimitação da Área Indígenas Parati-Mirim*. Em 24/03/94. Museu do Índio, caixa 106, 1994.
- Brochado, José Proença. *An ecological of the spread of pottery and agriculture into Eastern South America*. Urbana-Champaign, University of Illinois at Urbana-Champaign, tese de doutorado, 1984.
- Clastres, Helene. *Terra sem mal*. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1978
- Clastres, Pierre. *A sociedade contra o Estado*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1978.
- Funari, Pedro Paulo. e Piñon, Ana. *A temática indígena na escola: subsídios para os professores*. São Paulo, Contexto, 2011.
- Ladeira, Maria Inês. *O Caminho sob a luz - O território Mbyá a beira do oceano*. Dissertação de mestrado, PUC/SP, 1992
- Ladeira, Maria Inês & Azanha, Gilberto. *Os índios da Serra do Mar: A presença Mbyá-Guarani em São Paulo*. Centro de Trabalho Indigenista, São Paulo, Nova Stela, 1987.
- Litaiff, Aldo. *As divinas palavras: Identidade étnica dos Guarani-Mbyá*. Florianópolis, Ed. UFSC, 1996.
- Monteiro, John Manuel. *Os Guarani e a história do Brasil meridional: séculos XVI-XVII*. In: Cunha, M,C., História dos Índios no Brasil, São Paulo, Companhia das Letras, 2ª edição, 1998.
- Nimuendaju Unkel, Curt. *As lendas da criação e destruição do mundo: como fundamentos da religião dos Apapocuva-Guarani*. São Paulo, HUCITEC/EDUSP, 1987.
- Schaden, Egon. *Aspectos fundamentais da cultura Guarani*. São Paulo, EPU/EDUSP, 1974.
- Serafim, Maria das Graças. *Hábitos alimentares e nível de hemoglobina em crianças indígenas Guarani, menores de 5 anos, dos estados de São Paulo e Rio de Janeiro*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de São Paulo, 1997.